



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT Especial

A ESCRITA REVOLUCIONÁRIA DE MULHERES NEGRAS

THE REVOLUTIONARY WRITING OF BLACK WOMEN

Dávila Maria Feitosa da Silva – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Izabel França de Lima – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O estudo tem como objetivo explorar as escritas de cinco mulheres negras sob a perspectiva da "Escrevivência" como uma forma de resistência anticolonial. Foi realizado um levantamento básico da escrita de Alice Walker, Audre Lorde, bell hooks, Grada Kilomba e Lélia Gonzalez com base em leituras de algumas de suas obras. O método adotado é qualitativo, com uma abordagem biográfica e bibliográfica, alinhado com novas tendências nas Ciências Sociais e Humanas que desafiam métodos tradicionais. Foi observado nas obras dessas mulheres temas inovadores, com narrativas que podem ser entendidas pelo viés da escrevivência. Cada uma dessas mulheres negras contribui significativamente para o *corpus* estudado, demonstrando como suas escritas não apenas desafiam as estruturas coloniais e hegemônicas, mas também oferecem novas perspectivas e linguagens que valorizam a experiência e a subjetividade negras. Este estudo visa não apenas documentar suas contribuições, mas também promover uma reflexão crítica sobre as práticas de escrita anticolonial e a importância da representação diversa nas ciências e nas humanidades.

Palavras-chave: mulheres negras; escrevivência; escrita feminista.

Abstract: The study aims to explore the writings of five Black women through the perspective of "Escrevivência" as a form of anticolonial resistance. A basic survey of the writings of Alice Walker, Audre Lorde, bell hooks, Grada Kilomba, and Lélia Gonzalez was conducted based on readings of some of their works. The adopted method is qualitative, with a biographical and bibliographical approach, aligned with new trends in the Social and Human Sciences that challenge traditional methods. Innovative themes were observed in the works of these women, with narratives that can be understood through the lens of escrevivência. Each of these Black women makes a significant contribution to the studied corpus, demonstrating how their writings not only challenge colonial and hegemonic structures but also offer new perspectives and languages that value Black experience and subjectivity. This study aims not only to document their contributions but also to promote critical reflection on anticolonial writing practices and the importance of diverse representation in the sciences and humanities.

Keywords: Black women; escrevivência; feminist writing.

1 INTRODUÇÃO

[...] A vida não podia se gastar em miséria e na miséria. Pensou, buscou lá dentro de si o que poderia fazer. Seu coração arfava mais e mais, comprimido lá dentro do peito. O pensamento veio rápido e claro como um raio. Um dia ela iria tudo escrever (Evaristo, 2017, 160)¹.

A epígrafe introdutória pode ser entendida como uma estratégia de sobrevivência compreendendo a escrita como uma ferramenta de transformação social e política, em específico, a escrita de mulheres negras que, para Conceição Evaristo caracteriza-se por “escrevivência”, quando a autora e a personagem cumprem um papel importante de trazer à tona histórias passadas que foram afanadas no trajeto do sequestro escravocrata de vidas e memórias.

A autora afirma que para pensar a escrevivência como um fenômeno diaspórico é convidada a retornar a figura da mãe preta, imagem fundante do termo. A mãe preta foi a escravizada dentro da casa-grande, pois exercia forçadamente a função de cuidar das filhas e filhos dos colonizadores. Desde a amamentação ao preparo dos alimentos das crianças até o ensino das primeiras palavras e o acalento através de contação de histórias. “Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar ampliar a semântica do termo” (Evaristo, 2020, p. 30).

Inicialmente a expressão se realiza como um ato de escrita das mulheres negras que se apropriam dessa ferramenta para extinguir a imagem do passado, já que, na condição de escravizadas, a oralidade e corporeidade estavam sob o domínio dos escravocratas e suas proles. Hoje, a escrita das mulheres negras a pertencem, sem demarcações, por se tratar de uma escrita carregada de experiências e vivências na condição de pessoa brasileira de origem africana. Como afirma Conceição, “[...] a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim para acordá-los de seus sonhos injustos” (Evaristo, 2020, p. 31).

¹ Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. Mestre em Literatura Brasileira/PUC-Rio e Doutora em Literatura Comparada/UFF.

As histórias contadas, os contos e as canções afro-brasileiros foram as principais representações da memória individual e coletiva desse povo. A oralidade é uma tradição dos povos africanos, espaço onde transmitem seus conhecimentos de geração em geração.

O epistemicídio negou por séculos o acesso a obras e a escritas de mulheres negras. A literatura brasileira e o campo científico fizeram bem o papel dominador de colocar o homem branco como os detentores do conhecimento. No entanto, as mulheres negras brasileiras e estrangeiras reagiram e reagem ao longo dos tempos em meio ao desprestígio, a desautorização e as inúmeras barreiras sócio –econômicas e educacionais.

É recente a chegada das obras de tais escritoras ao conhecimento popular e algumas dessas ainda estão restritas há um pequeno grupo. Abordar temas específicos da mulher negra na escrita, na oralidade, nas performances artísticas e nas diversas maneiras de comunicação é também trabalhar as marcas do racismo historicamente impostas. Como pensar as relações raciais, de gênero, sexualidade e suas articulações

Assim, o presente trabalho objetiva apresentar as escritas de mulheres negras pelo viés da “Escrevivência” como forma de construção de uma linguagem anticolonial. O estudo apresenta cinco nomes de intelectuais negras que romperam com as normas hegemônicas de escrita, de pensamento e de conhecimento.

2 A ESCRIVIVÊNCIA COMO VIÉS METODOLÓGICO

Na pesquisa, trazemos o termo de Escrevivência, criado pela intelectual Conceição Evaristo (1996). Como dito, a autora recorre a figura da mãe preta que esteve desde a amamentação, as primeiras palavras e a primeira infância utilizando-se de contações de histórias na educação das crianças brancas e é a partir dessa figura que Conceição toma estímulo para ampliar o termo e tornar suas memórias e histórias através da literatura em Escrevivência. Dessa forma, optamos por apresentar as escritas de mulheres negras pelo viés da Escrevivência, sabendo que as Ciências Sociais Aplicadas, as Ciências Sociais e Humanas têm alargado suas concepções para novos métodos que opõem os tradicionais.

A busca por novos métodos de pesquisa no interior das Ciências Sociais não pode deixar de considerar as escritas de si e do outro, que surgem em contraposição ao colonialismo, presente também no meio acadêmico, que por muito tempo afastou essas narrativas como possibilidades científicas. Até recentemente, textos escritos em primeira pessoa, e a presença do “eu

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

enunciador” era combatida como pós-moderno, e por esse motivo, visto como menos científico (Lima; Gabino, 2023, p. 14).

Temos o conhecimento de que no campo acadêmico “[...] essas escrevivências permanecem em fase de aceitação como um fazer científico” (Lima; Gabino, 2023, p. 19). Isso acontece devido a internalização de estruturas tradicionais racistas na universidade, que coloca hesitação na produção criativa e científica das mulheres negras. Para o âmbito escolar e acadêmico, podemos dizer que foi e ainda é um lugar que historicamente desvalorizou e negou as produções científicas e literárias da população negra, contribuindo para que talentos fossem destituídos e desacreditados.

Porém, intelectuais como Rosane Borges, Livia Nathália, Elisângela Gomes, Maria Nazareth Soares Fonseca, entre outras, têm contribuído para o desenvolvimento científico do conceito de escrevivência e suas possibilidades epistemológicas: “Por maiores que sejam os esforços de apagamento do legado africano, nossa memória insiste em lembrar, e nas práticas cotidianas estão presentes os ensinamentos de nossas ancestrais” (Gomes, 2019, p. 47).

A pesquisa se enquadra como qualitativa com abordagem biográfica e bibliográfica como afirma Gil (2006), já que a pesquisa bibliográfica possibilita uma série de informações sobre a questão em tela. Nesse estudo foi realizado um levantamento na literatura sobre a escrita de Alice Walker, Audre Lorde, bell hooks, Grada Kilomba e Lélia Gonzalez, mulheres negras cuja escrita compõe o *corpus* estudado.

A identificação e escolha se deu a partir de leituras de obras de tais autoras. Dessa forma, foi identificado denúncias de uma linguagem que se propõe neutra. As escritoras percorrem pelas questões de gênero, raça, sexualidade, maternidade, educação entre outros temas correlatos. São mulheres que transitam/transitaram em territórios, tempo/espços distintos, mas que vivenciaram o racismo e a misoginia pelos espaços institucionais e não institucionais que passaram e relataram suas experiências em suas obras. Utilizam de uma linguagem que desobedece a linguagem tradicional da universidade, em que as experiências e vivências são evidenciadas. Em virtude de tais concepções deu-se a escolha em trabalhar com essas autoras.

3 MULHERES NEGRAS: A ESCRITA SUBVERSIVA E DESOBEDIENTE

[...] Eu vou escrever sobre as imencionáveis, sem me importar com o suspiro ultrajado da censura e do público. E, por fim, eu escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho mais medo ainda de não escrever (Anzaldúa, 2021).

Glória Anzaldúa escreve uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo (países em desenvolvimento). Mulheres de cor, lésbicas, trabalhadoras, mães, as imencionáveis foi o termo que ela nos descreveu. Escreve uma carta, para sair das normas e regras determinadas pela Universidade, trata-se de um texto íntimo que alcança lugares particulares e sentimentos, não sem tocar nos aspectos sociais de desigualdade que colocam as mulheres do “terceiro mundo” à margem.

Um dos vários questionamentos levantados por (Anzaldúa, 2021, p. 46) é “[...] quem nos deu a permissão para encenar o ato da escrita?” É sabido que historicamente o ato de leitura e escrita está associado ao poder, no entanto, não para qualquer pessoa, mas para as pessoas brancas. Desse modo, o sentimento de não pertencimento, de desnaturalização faz parte desse ato quando exercido por nós, mulheres negras. No entanto, mesmo com medo, escrevemos. Yasmin Santos (2022) diz que escritoras negras não são reconhecidas por suas escritas, afirma que não há o reconhecimento de intelectualidade de mulheres negras, pois está intimamente atrelado à cultura do patriarcado, e não necessariamente relacionada a um curso superior, e sim a ascendência.

Glória Anzaldúa, na citação que abre essa seção, declara que sua escrita será sobre as imencionáveis e Yasmin Santos (2022) afirma que “[...] quando nós, mulheres negras, assim reivindicamos umas às outras, rompemos com o epistemicídio que continua tentando apagar as obras, o pensamento e as trajetórias de mulheres ancestrais [...]”. Portanto, reivindicar a disseminação e democratização de obras de intelectuais negras, que produziram e produzem conhecimento, é uma forma de as reconhecer enquanto protagonistas e intelectuais, rompendo com as práticas tradicionais eurocêntricas, rejeitando os rótulos e as regras da supremacia branca.

Alice Walker na introdução do seu livro “Em busca dos jardins de nossas mães” escreve sobre a importância de modelos na vida de uma artista, ela narra a influência e o impacto causado a si quando descobriu a escritora Zora Neale Hurston². Abaixo, é apresentado em

² Zora Neale Hurston (1891-1960) foi escritora e antropóloga afro-americana. Publicou diversos contos, artigos e livros posteriormente aclamados como *Seus olhos viam Deus*.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

quadro o trecho em que Alice Walker confessa como aconteceu sua busca pelas obras de escritoras negras.

Quadro 1 – Trecho do texto “Salvando a vida que é a sua: a importância de modelos na vida da artista” de Alice Walker

[...] sentei à minha mesa de trabalho um dia, num quarto só meu, com fechadura e chave e comecei os preparativos para um conto sobre vodu, um assunto que sempre me fascinou. Recolhi muitos dos elementos dessa narrativa em uma história que minha mãe contou várias vezes. Durante a depressão, ela havia ido à cidade se inscrever na delegacia local para receber o auxílio alimentar do governo e teve seu pedido recusado, de forma bem humilhante, pela atendente branca. Minha mãe sempre contou isso com uma expressão muito curiosa no rosto. Ela erguia logo a cabeça mais alto ainda – estava sempre de cabeça erguida -, e havia um ar de integridade, um tipo de calor sagrado emanando de seus olhos. Ela dizia que tinha vivido para ver aquela mulher branca ficar velha e senil, e tão entrevada que precisava de duas bengalas para caminhar. Para minha mãe, isso era obra clara de Deus, que, assim como no antigo hino, “[...] pode não vir quando você o quer, mas Ele nunca atrasa!”. Ao ouvir aquela história pela quinquagésima vez, percebi outra coisa: suas possibilidades na ficção. Eu me perguntei o que teria acontecido se, depois que a velha entrevada morresse, fosse descoberto, fosse descoberto que alguém, talvez minha mãe (que ficaria mortificada só de pensar nisso, boa cristã que é), tinha feito um vodu com ela? Então, com meus pensamentos me guiando por um mundo de maldições e feitiços de séculos atrás, eu me perguntei como um relato mais elaborado poderia ser criado a partir do que minha mãe me conto; um que fizesse jus tanto à magnitude de sua humilhação e dor quanto à falta de sensibilidade e de compaixão daquela mulher branca. Minha terceira dúvida era: como eu poderia encontrar tudo o que precisava para escrever um texto que contivesse a autêntica feitiçaria dos negros? A questão quase me leva de volta ao dia em que fiquei muito interessada em escritoras negras. Digo “quase” por conta de outra coisa, vinda de minha infância, que tornou lógica e irresistível a escolha pela feitiçaria negra para minha história. Em paralelo às várias narrativas que minha mãe contava sobre curandeiros que ela conheceu, ou de quem ouvia falar, havia a que eu ouvia com frequência sobre a minha tia Walker, “a louca”. Há muitos anos quando minha tia era uma menina dócil e obediente, crescendo em uma família rígida do Sul rural, tipicamente religiosa, ela abandonou num instante a doçura e fugiu de casa, acompanhada por um vigarista comprometido com outra. Ao ser trazida de volta para casa pelo pai, foi declarada louca. Nos campos do Sul, na virada do século, essa “loucura” não era curada com psiquiatria, mas com pó e feitiços. (É possível assistir à ópera Treemonisha, de Scott Joplin, e entender o papel que o vodu desempenhava entre as pessoas negras daquela época.) A loucura da minha tia foi tratada pelo curandeiro da comunidade, que prometeu e entregou os resultados desejados. O tratamento era um saquinho de pó branco, comprado por cinquenta centavos, espalhado no chão ao redor da casa de minha tia, e uma parte do conteúdo do saquinho costurada, eu acho, dentro do corpete de sua camisola. Então, quando me sentei para escrever o conto sobre o vodu, ou sem dúvida estava com tia Walker, a louca, na cabeça. Entretanto, minha tia havia experimentado sua loucura temporária há tanto tempo que a emoção do caso parecia fantasiosa. Em vez de memórias de família, eu precisava de informações factuais sobre o vodu como era praticado pelos negros do Sul no século XIX. (Felizmente, em nenhum momento me ocorreu que o vodu não merecesse o interesse que tinha por ele, ou que fosse ridículo demais para ser levado a sério).

Eu tinha começado a ler tudo o que conseguia encontrar sobre o assunto “O negro, sua cultura popular e superstições”. Havia Botkin e Puckett e outros, todos brancos, a maioria racistas. Como eu poderia acreditar em qualquer coisa que eles tinham escrito, quando Puckett, em seu livro, foi capaz de se perguntar se “o Negro” tinha um cérebro grande o bastante?

Bom, pensei, onde estão os negros pesquisadores de folclore? Onde estão os antropólogos pretos? Onde está a pessoa negra que seguiu pelas estradas do interior do Sul a reunir informações da quais eu preciso: como curar um mal de amor, tratar barriga d’água, amaldiçoar alguém até a morte, trancar intestinos, causar junta inchada, olho caído e assim por diante. Onde estava essa pessoa negra?

E foi então que vi, numa nota de rodapé das vozes brancas que detinham a autoridade, o nome de Zora Neale Hurston.

Folclorista, romancista, antropóloga e estudiosa do vodu, além de mulher negra versátil, com coragem suficiente para pegar uma fita métrica e tirar as medidas das cabeças negras aleatórias no Halem; não para provar a inferioridade dela, mas para provar que, não importava o tamanho, a forma ou a situação de servidão de seus donos: aquelas cabeças continham toda a inteligência necessária para se virar nesse mundo.

Zora Hurston, que foi para Barnard College estudar o que realmente queria aprender: os saberes de seu povo, quais rituais antigos, costumes e crenças o tornavam único.

Zora, que deixou o Sul apenas para poder voltar e observá-lo outras vez. Que visitou benzendeiras da Flórida à Louisiana e disse “Estou aqui. Quero aprender seu ofício”.

Zora, que tinha coletado toda a cultura popular negra que eu poderia usar.

Aquela Zora.

E ao encontrar aquela Zora (como uma chave dourada capaz de abrir um depósito de tesouros variados), fui fisgada.

O que tinha descoberto, claro, era um modelo. Um modelo que, aliás, me deu muito mais do que o vodu para minha história, mais do que um dos grandes romances jamais escritos nos Estados Unidos – embora, sendo como são, os Estados Unidos não tenham percebido isso. Ela ofereceu, como se soubesse que um dia eu iria vagar pelo deserto, um registro quase completo de sua vida. E embora essa vida tenha tido várias falhas, sou para sempre grata por ela, com falhas e tudo.

Fonte: extraído de Walker (2021, p. 16).

O texto da Alice Walker demonstra fielmente como a escrita de autoras negras podem alterar o rumo de outras mulheres negras. É possível especular que inúmeros talentos foram perdidos por não terem um modelo ou quem lhes abrissem os caminhos. As histórias contadas por nossas avós, mães e tias são fios condutor de inspiração imaginativa e histórica e os trabalhos literários e científicos de mulheres negras são pontos de apoio e confiabilidade de que é possível criar, imaginar, produzir e fabular narrativas que contemplem a nossa existência para além do olhar do homem branco.

Partindo de experiências distintas, tempos e lugares diversos há um diálogo entre as diversas escritas de mulheres negras. Conceição Evaristo (2020) afirma que sua escrevivência parte diretamente da sua experiência de mulher negra na sociedade brasileira, e denuncia que a crítica literária, por vezes, não acredita que a vivência de negras/os escritoras/es possam

ser matéria de ficção, tendo em vista que em algumas obras literárias brasileiras de autores brancos usam como temática ou inspiração as culturas africanas ou afrodiáspóricas.

A literatura brasileira considerada canônica nas mais variadas épocas e estilos literários trazem uma imagem distorcida da mulher negra, é possível apontar para as obras: *Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, *Gabriela, cravo e canela* (1958), de Jorge Amado, *O cortiço* (1890), de Aloísio Azevedo. É possível identificar aspectos estereotipados de sexualização da mulher negra, sua animalização, o distanciamento de sua descendência africana e ao mesmo tempo que a coloca na subalternidade.

Dessa forma, a literatura de mulheres negras é uma relutância ao epistemicídio. Utilizando-se da escuta atenta das histórias passadas, contadas pelas/os mais velhas/os, e utilizando-se da imaginação radical, escritoras negras realizam uma recomposição da imagem da mulher negra.

Se há uma literatura que nos invisibiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no *corpus* literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (Evaristo, 2005, p. 54).

Autoras afro-americanas também evidenciam suas vivências e experiências múltiplas em suas escritas, por exemplo, Audre Lorde se descrevia enquanto negra, mãe, lésbica, guerreira e poeta, dando destaque às suas múltiplas personalidades. Filha de imigrantes caribenhos, nasceu nos Estados Unidos em 1934, faleceu aos 59 anos, vítima de câncer. Audre Lorde escreveu romances, ensaios, poesias, abordou sobre os temas amor, raça, classe, gênero, sexualidade, erotismo e maternidade.

Audre graduou-se na Hunter College, obteve mestrado em Biblioteconomia pela Columbia University, em 1961. Por sentir-se uma pessoa fora do que era considerado padrão, Audre passa a denominasse por *Outsider*, sua escrita é marcada pelas suas vivências e

particularidades, evidenciando sempre sua condição de mulher negra e lésbica. Escreveu sobre medo e a importância de falar, de transformar o silêncio em linguagem e ação.

Meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não vai proteger você. Mas a cada palavra verdadeira dita, a cada tentativa que fiz de falar as verdades das quais estou em busca, tive contato com outras mulheres enquanto analisávamos as palavras adequadas a um mundo no qual todas nós acreditávamos, superando nossas diferenças. E foi a preocupação e o cuidado dessas mulheres que me deram força e me permitiram esmiuçar aspectos essenciais da minha vida (Lorde, 2019, p. 52).

O trecho é do artigo “A transformação do silêncio em linguagem e em ação”, em que Audre nos diz de sua convicção de quebrar os silêncios, que reconhece a vulnerabilidade de escrever, falar, verbalizar e compartilhar o que sente, afirmando ser um risco. No entanto, ela afirma que a maior ameaça não é a vulnerabilidade, e sim, o silêncio. Este artigo foi apresentado em 1977, durante o *Lesbian and Literature Panel* (Painel de Lésbicas e Literatura), na *Modern Language Association*, em Chicago. Dias antes, ela havia sido submetida a uma biópsia, que sucederia ao diagnóstico de câncer de mama e esse processo de pensar e reorganizar a vida diante da mortalidade revela que

Ao tomar uma obrigatória e fundamental consciência da minha mortalidade, e do que eu desejava e queria para minha vida, por mais curta que ela pudesse ser, prioridades e omissões ganharam relevância sob uma luz impiedosa, e o que mais me trouxe arrependimento foram os meus silêncios (Lorde, 2019, p. 53).

Audre quebrou padrões no âmbito da literatura, quando ela trata sobre sexualidade e coloca as mulheres como protagonistas e inspirações para suas histórias. Desde criança a escritora tinha fascínio pela contação de história e pela ficção. Audre deixou inúmeras contribuições teóricas sobre raça, racismo, gênero, sexualidade e interseccionalidade, termo que foi desenvolvido posteriormente pela intelectual Kimberlé Crenshaw³.

No campo teórico, a mulher negra também se faz presente trazendo reflexões importantes sobre os modos conservadores, preconceituosos e perpetuadores de desigualdades. bell hooks (2013), em sua obra intitulada “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”, fala sobre sua experiência escolar, vivendo no sul dos Estados Unidos segregado, onde existiam escolas para negros e escolas para brancos.

³ Kimberlé Crenshaw, teórica feminista negra estadunidense, foi quem sistematizou o conceito, em 1989.

Frequentei a escola num momento histórico em que era ensinada pelas mesmas professoras que haviam dado aula a minha mãe, às irmãs e irmãos dela. Meu esforço e minha capacidade para aprender sempre eram contextualizados dentro da estrutura de experiência das várias gerações da família. Certos comportamentos, gestos e hábitos de ser eram considerados hereditários. Naquela época, ir à escola era pura alegria. Eu adorava ser aluna. Adorava aprender. A escola era o lugar do êxtase – do prazer e do perigo (Hooks, 2013, p. 11).

Ao final do regime de segregação, as escolas passaram pela integração racial e tudo mudou, as relações e experiências já não tinham relevância, o que se esperava das/os alunas/os negra/os era a submissão. Os professores brancos reforçavam o estereótipo do negro como incapaz de aprender, logo, o entusiasmo que existia em aprender era entendido como uma ameaça a autoridade branca. No âmbito acadêmico, bell hooks percebe a permanência e o reforço aos estereótipos racistas e de dominação existentes nas escolas de integração racial.

Na pós-graduação, igualmente na escola e na graduação, as suas experiências de mulher negra não eram levadas em consideração. Nesse sentido, bell sente a necessidade de escrever e tornar-se uma escritora independente. Nesse percurso, ela tem a oportunidade de ler Paulo Freire e se identifica com suas ideias. Fica evidente de como a influência da leitura de Paulo Freire despertou em bell o reconhecimento de uma educação como prática de liberdade intimamente ligada com sua vivência educacional nas escolas segregadas, onde as experiências e o contexto familiar e geracional eram levadas em conta.

Como professora universitária encontrou alguns desafios, e um deles ela destaca como sendo a inexistência de entusiasmo dos estudantes. Logo, bell cria estratégias de transgredir e encorajar uma educação libertadora, com uma pedagogia engajada, que valoriza o conhecimento de cada estudante, o protagonismo e o engajamento mútuo, de ensinar e aprender. bell hooks (2013) viu na teoria um lugar de cura de feridas e de dores:

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (Hooks, 2013, p. 83).

É possível reconhecer em outras escritas de intelectuais negras um diálogo com o que bell hooks propõe em suas teorias, notadamente, na obra citada acima. Por exemplo, Grada

Kilomba, escritora, teórica, psicóloga e artista interdisciplinar, lançou em 2019, no Brasil, o seu livro intitulado “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano”. Essa obra foi lançada em 2008, Berlim, onde vive até hoje. Na carta da autora à edição brasileira, ela explica que essa publicação foi possível quando recebeu uma bolsa do governo alemão para doutoramento e foi com um imenso alívio que deixou Lisboa, a cidade em que nasceu e cresceu. “Não havia nada mais urgente para mim do que sair, para poder aprender uma nova linguagem. Um novo vocabulário, no qual eu pudesse finalmente encontrar-me. No qual eu pudesse ser eu” (Kilomba, 2019, p. 11).

Em entrevista ao programa *Metrópolis*⁴, disponível na plataforma *YouTube*, Grada foi indagada sobre a sua relação com o seu território de nascença, e ela explica que a sua relação com Portugal e com o Brasil são similares, por serem nações que glorificam e romantizam sua história colonial, que possuem aspectos problemáticos com a negritude. Revela ainda que, em Berlim, a ditadura imperial fascista e a história colonial alemã deixaram marcas inimagináveis e brutais, no entanto, é uma história que não é negada, e que causa senso de culpa e vergonha.

Este percurso de conscientização coletiva, que começa com *negação - culpa-vergonha - reconhecimento - reparação*, não é de forma alguma um percurso moral, mas um percurso de responsabilização. A responsabilidade de criar novas configurações de poder e de conhecimento (Kilomba, 2019, p. 11).

A possibilidade de criar configurações de poder e de conhecimento novas foi o diferencial encontrado em Berlim, proporcionando a realização do seu trabalho, que em Portugal, não seria possível. Grada é uma intelectual contemporânea, que através da teoria e da arte em suas múltiplas facetas, vem descolonizando o conhecimento. Mais de 10 anos após a primeira publicação do seu livro é que a obra chega traduzida ao Brasil. Na edição brasileira há uma introdução que não existe na versão original, isso acontece devido a terminologias que quando apresentadas em português exercem e reforçam violências. O racismo é discursivo, opera através do discurso, por meio de imagens e de palavras que associadas uma às outras criam uma narrativa histórica de dominação, por exemplo o de supremacia branca.

Não posso deixar de escrever um último parágrafo, para lembrar que a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=nKY239Uu9y0>.

terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana (Kilomba, 2019, p. 14).

Memórias da plantação apresenta episódios cotidianos de racismo, narrados por duas mulheres, uma afro-alemã e outra afro-estadunidense que vive na Alemanha, a obra trata sobre memória do esquecimento, a normalidade do racismo, o processo de descolonização, de cura do trauma colonial, da importância de escrever e falar em primeira pessoa, de tornar-se sujeito, aborda sobre uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como elemento do discurso acadêmico, “pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas – não há discursos neutros” (Kilomba, 2019, p. 58).

Dessa forma, assinala os discursos de Frantz Fanon e bell hooks como sendo lírico e teórico, político, pessoal e poético que transgridem a linguagem clássica da academia tradicional, trazendo para a escrita suas realidades. Grada utiliza-se da junção da escrita com a imagem, a performance e atuação para dismantelar estruturas de poder e criar uma linguagem anticolonial.

No Brasil, uma das pioneiras do feminismo negro no Brasil foi Lélia de Almeida. O sobrenome Gonzalez foi integrado a partir da união matrimonial, 1964, com Luiz Carlos Gonzalez⁵. Penúltima filha de dezoito irmãos, Lélia conseguiu com muito esforço seguir nos estudos e construir uma carreira acadêmica, intelectual, ativista e militante antirracista.

Uma educadora, filósofa, pós-graduada em Comunicação, que fez simultaneamente incursões acadêmicas nos terrenos da Antropologia, Psicanálise e Sociologia. Lélia dominava inglês, francês e espanhol, o que lhe permitiu, também, atuar como tradutora de diferentes obras (Carneiro, 2014, p. 5).

Entre os anos de 1974 e 1985, o Brasil passava pelo processo de redemocratização e o retorno dos movimentos sociais. Nesse período, Lélia já possuía formação intelectual sólida, quando ela se engaja na construção e na militância do movimento negro coloca em discussão os temas de raça e gênero. Em 1978, no interior do Movimento Negro Unificado (MNU), ela cria o Centro de Lutas Luiza Mahin.

⁵ Desde o falecimento do marido, um ano depois de casados, Lélia não mais abandonou o sobrenome Gonzalez. Em entrevista ao Jornal Pasquim (1986), afirmou que despertou para sua condição de mulher negra com Luiz Carlos.

No ensaio intitulado “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, Lélia Gonzalez reflete sobre a situação da mulher negra a partir do ideal do mito de democracia racial em que a autora resgata a figura da mucama e da mãe preta relacionando-as com a empregada doméstica e a mulata ovacionada sexualmente no carnaval. Com uma linguagem original, no mesmo texto aborda os aspectos discursivos, afirmando que o Brasil é uma Améfrica Ladina, que a língua falada é o pretuguês, devido aos inúmeros termos provenientes do Continente Africano.

Se a batalha discursiva, em termos de cultura brasileira, foi ganha pelo negro, o que terá ocorrido com aquele que segundo os cálculos deles ocuparia o lugar de senhor? Estamos falando do europeu, do branco, do dominador. Desbancando do lugar do pai ele só pode ser, como diz Magno, o tio ou o corno; do mesmo modo que a europeia acabou sendo a outra (González, 2020, p. 93).

Lélia produziu inúmeras contribuições teóricas que até recentemente não eram conhecidas e reconhecidas, não estavam e algumas ainda não estão nas referências básicas e obrigatórias das universidades brasileiras. A sua escrita é firmada num compromisso político de humanização da população negra, nas suas obras podemos destacar os seguintes temas: raça, gênero, questões identitárias, estudos nos campos da cultura e da antropologia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, os textos das escritoras/intelectuais chegam a nós e causam o desconforto necessário para que consigamos a partir das ações individuais e coletivas continuar no propósito de tramar outras/nossas narrativas para as meninas e mulheres negras que virem depois de nós, que não silenciem suas vozes, suas escritas e performances.

A resistência das mulheres negras às barreiras impostas pelo epistemicídio ao longo dos séculos tem sido crucial para reverter o cenário de exclusão e sub-representação no campo literário e científico. A dominação da literatura brasileira e do conhecimento científico pelo homem branco perpetuou um sistema que marginalizou sistematicamente as vozes das mulheres negras. A chegada recente das obras dessas escritoras ao conhecimento popular é um marco significativo, embora muitas delas ainda permaneçam restritas a um público limitado.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

O estudo das escritas de Alice Walker, Audre Lorde, bell hooks, Grada Kilomba e Lélia Gonzalez, sob a perspectiva da "Escrevivência", revela não apenas uma resistência à colonialidade do saber, mas também uma rica contribuição para a ampliação do conhecimento humano. A abordagem qualitativa, biográfica e bibliográfica adotada neste estudo não apenas documenta suas obras, mas também desafia paradigmas acadêmicos tradicionais, destacando a importância de novas perspectivas e linguagens que valorizam a experiência e a subjetividade de mulheres negras. Este trabalho não só reforça a necessidade urgente de reconhecer e celebrar as contribuições das mulheres negras para a cultura e o conhecimento global, mas também incentiva uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder, racismo e exclusão que permeiam as instituições acadêmicas e sociais.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. *In*: ANZALDÚA, Glória. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Rio de Janeiro: A Bolha editora, 2021.
- CARNEIRO, Sueli. **Lélia Gonzalez**: o feminismo negro no palco da história. Brasília: ABravídeo 2014.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Conceição Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares Cultura Afro-brasileira**, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/midias/arquivos/revistas/revista01.pdf>, Acesso em: 30 mar. 2024.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- GOMES, Elisângela. Escrevivências na biblioteconomia: afrocentrar para existir. *In*: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. (org.). **Mulheres negras na Biblioteconomia**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2019. (Selo Nyota)
- GONZALEZ, Lélia. A mulher negra no Brasil. *In*: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções, diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1984.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

HOOKS, bell. **Aprendendo a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Luciméa Santos; GABINO, Maria Zilma. Epistemologias marginais: pensando o fazer antropológico. **Teoria e Cultura**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/41951>. Acesso em: 30 mar. 2024.

LORDE, Audre. **A transformação do silêncio em linguagem e em ação**. In: LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Yasmin. Ladainha da sobrevivência. **Serrote**: uma revista de ensaios, artes visuais, ideias e literatura, [S. l.], n. 40, 2022.

WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães**: prosa mulherista. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.